

**ANÁLISE DIACRÔNICA
DOS FENÔMENOS DE METÁTESE E EPÊNTESE
À LUZ DA TEORIA AUTOSSEGMENTAL**

Clarissa de Menezes Amariz (UFPel)

clarissa.amariz@gmail.com

Cíntia da Costa Alcântara (UFPel)

cintiaca@terra.com.br

1. Introdução

Podem-se empreender pesquisas de cunho diacrônico tanto a partir de análises de textos antigos como de obras que documentem transformações que ocorreram em uma língua, a saber, gramáticas históricas. Essas obras se constituem em documentos que descrevem a evolução linguística em suas diferentes áreas da linguagem, isto é, aspectos que concernem à fonologia, à morfologia, à sintaxe e à semântica. Sendo assim, podem servir de excelentes fontes de pesquisa para estudiosos interessados em pesquisas diacrônicas, as quais se detêm em investigar fenômenos linguísticos que se modificaram com o passar do tempo.

Este trabalho apresenta, pois, uma análise inicial dos processos fonológicos de metátese e de epêntese, detalhadamente registrados em gramáticas históricas do português brasileiro, os quais ocorreram na passagem do latim para o português. Tal estudo se desenvolve sob os pressupostos teóricos da Teoria Autossegmental (CLEMENTS & HUME, 1995). Referentemente às obras consultadas para o levantamento do *corpus* estudado, tem-se Coutinho (1958), Nunes (1945), Sá Nogueira (1958), Silva Neto (1956, 1958) e Said Ali (1965).

2. Metátese e epêntese: definições e exemplos em gramáticas históricas

O processo fonológico de epêntese já foi largamente pesquisado em trabalhos de variação fonológica sincrônica. De muitos trabalhos, um dos mais conhecidos foi o desenvolvido por Collischonn (2003), o qual descreve a ocorrência de epêntese consonantal no sul do Brasil. Nesse trabalho, encontram-se exemplos comuns da sincronia, tais como p[i]sicólogo para psicólogo e ad[i]mitir para admitir. Além desses, há uma sé-

rie de trabalhos sobre o fenômeno na aquisição da linguagem, entre os quais se destacam Redmer (2007) e Lima (2005).

Apesar de haver todos esses trabalhos sincrônicos sobre o tema – tanto na variação quanto na aquisição – não há registros de estudos sobre ele na diacronia do português brasileiro, o que justifica o trabalho ora apresentado.

De modo geral, o processo fonológico denominado de epêntese é classificado como a inserção ou adição de elemento sonoro no interior de uma palavra. Mas também é possível encontrar denominações mais específicas sobre o fenômeno nas gramáticas históricas. De acordo com Coutinho (1958, p. 146), é definido como sendo o acréscimo de um fonema no interior da palavra, classificado como um metaplasmo por aumento, tomando o metaplasmo como sendo as modificações fonéticas sofridas pelas palavras durante sua evolução. É o que se pode ver em (1).

(1) *stella* > *estrela*; *úmero* > *ombro*

Este mesmo autor também apresenta dois outros tipos de epêntese: a *anaptixe* ou *suarabácti*, que é considerada uma epêntese especial por desfazer um grupo consonantal pela intercalação de uma vogal como pode ser visto no exemplo (2).

(2) *krupa* > *garupa*

E a paragoge ou epítese, que é a adição de um fonema no fim do vocábulo, conforme o exemplo (3).

(3) *ante* > *antes*

Nunes (1945, p. 142 e 165) divide os tipos de epêntese em vocálico e consonantal, respectivamente, a exemplo de (4).

(4) *silvestre* > *selivestree*; *mast* > *mastro*

A inserção epentética também pode ser vista como um recurso usado pela língua para eliminar hiatos, como, por exemplo, em (5).

(5) *plenu* > *cheo* > *cheio*

Quanto ao processo de metátese, a escassez de trabalhos tanto na sincronia quanto na diacronia é maior, se comparado à epêntese. Um destaque como trabalho de variação fonológica a respeito de metátese é o desenvolvido por Hora, Telles e Monaretto (2002) no qual apresentam

um estudo sincrônico com ocorrências de metátese (cf. *tauba* > *tábu*a e *estupro* > *estru*po).

Na diacronia, os gramáticos históricos também atestaram e definiram o processo. Para Coutinho (1948, p. 149), a metátese é o fenômeno de transposição de um fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas, como pode ser visto em (6).

(6) *semper* > *sempre*; *capiam* > *cabia* > *caiba*

Para Nunes (1945, p. 163) trata-se de um processo glotológico que consiste em deslocar uma vogal para junto da tônica, com a qual forma um ditongo, quer uma consoante só ou duas que se substituem mutuamente; no primeiro caso ela é chamada de *simples* e, no segundo, *recíproca* (especialmente sobre o *r*), em (7) ilustrado.

(7) *paito* > *pátio*; *saclairo* > *sacrário*

Segundo Sá Nogueira (1958, p. 109), há três classificações possíveis de metátese, (i) *progressiva*; (ii) *regressiva*; e (iii) *recíproca*.

A metátese *progressiva*, (i), exige a transposição de um fonema localizado à esquerda da palavra para a direita, conforme ilustrado em (8).

(8) *frenesim* > *fernesin*

A metátese *regressiva*, (ii), requer a transposição de um fonema situado à direita do vocábulo para a esquerda, o que pode ser visto em (9).

(9) *Antoino* > *Antonio*

E, por fim, a metátese *recíproca*, (iii), lida com fonemas de um mesmo vocábulo, como é o caso do exemplo em (10).

(10) *calanização* > *canalização*

Said Ali (1968) aponta que no português antigo era comum a metátese envolvendo a líquida vibrante. A justificativa para tal acontecimento era a busca pela contiguidade com outras consoantes, como, por exemplo, *t,p,f*. Ainda segundo esse autor, a maior parte de casos de reordenamento ocorre ou apenas com o rótico /r/ ou envolvendo o rótico e a lateral /l/, mas há, no português arcaico, a transposição de /d/, segundo registra Silva Neto (1956, p. 221).

3. A teoria autosegmental

Segundo Matzenauer (2005, p. 45), os modelos lineares contribuíram efetivamente para a evolução dos estudos fonológicos a partir de uma análise de sequências de segmentos e ao desenvolver a noção de traços distintivos. No entanto, estes modelos apresentavam algumas limitações quando tentavam explicar fenômenos fonológicos suprasegmentais ou prosódicos. Deve-se aos modelos não-lineares a tentativa de analisar a fala não como uma combinação unidimensional ordenada de segmentos, mas como unidades que se organizavam hierarquicamente. Deste modo, segmentos formavam sílabas, que, por sua vez, formavam pés, que formavam palavras e essas, palavras fonológicas etc. Dentro desses modelos não-lineares encontra-se a fonologia autosegmental.

A fonologia autosegmental Clements e Hume (1995) trata-se de um modelo que opera não só com os segmentos de traços, mas também com autosegmentos, não há mais lugar para uma relação de objetividade entre segmento e feixe de traços. Em outras palavras, esse modelo trabalha com a noção de que não somente o segmento é uma entidade fonológica mas também os traços distintivos o são, os quais podem funcionar de forma independente. Outrossim, a estrutura de geometria de traços possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, sempre recorrendo ao princípio que tem que mostrar que constituem uma mesma operação, de espraiamento ou de desligamento de traços.

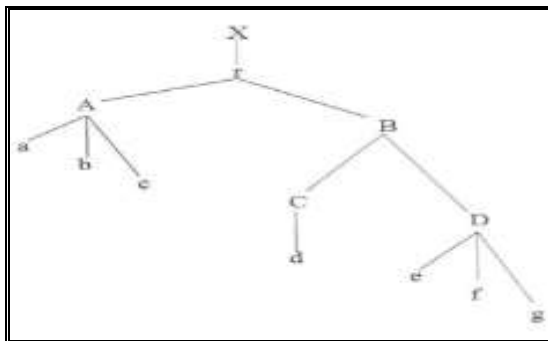
O modelo autosegmental incorporou a noção de sílaba à teoria, permitindo-lhe adquirir um *status* fonológico. Antes a sílaba era tratada como um traço [+silábico] que era atribuído ao segmento. No entanto, uma análise como esta não permitia que se abrangesse todo o universo que respeita à sílaba.

Clements e Hume (1995) apresentam a geometria de traços com o intuito de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos que podem ser tanto manipulados isoladamente ou em conjuntos solidários, em (11) ilustrado.

A representação arbórea, em (11), formaliza os segmentos como sendo constituídos de uma organização interna. O elemento ‘X’, localizado na camada (*tier*) CV, representa o tempo fonológico do segmento, e liga-se por uma linha de associação ao nó de raiz ‘r’. A raiz ‘r’ é a base do segmento, associa-se a outros dois nós, ‘A’ e ‘B’ – nós intermediários que expressam informações de classes de segmentos. A mesma situação

se repete sob ‘B’, porém não sob ‘A’, que se liga a nós terminais, ou seja, nós de traços distintivos. Salienta-se serem as linhas de associação as responsáveis por estabelecer a estrutura; caso contrário, os traços ficariam flutuantes. Elas são responsáveis por unir os nós e mostrar as relações existentes entre nós – todas as regras e processos fonológicos são representados nas linhas, ou as ligamos na estrutura ou as desligamos.

(11) Geometria de traços



(CLEMENTS & HUME, 1995, p. 249)

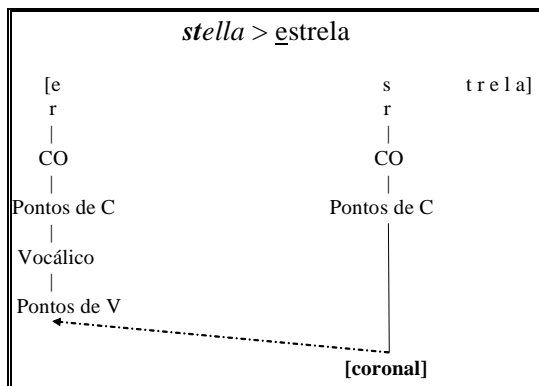
4. *Aplicação da teoria autosegmental em dados de metátese e epêntese*

O que motiva a ocorrência de epêntese na língua portuguesa, em casos como *stella* → *estrela*, em que a vogal é inserida na posição de núcleo, é que o cluster *st* em ataque (*onset*) de sílaba é proibido no português brasileiro, em virtude da condição de ataque, a qual proíbe esse tipo de formação em onset.

Em dados epentéticos é possível perceber uma operação de espriamento de traços, ou seja, ambos os segmentos compartilham os mesmos traços fonológicos, como é possível visualizar na representação abaixo em (12), na passagem *destella* → *estrela*⁷.

⁷Ainda que para a forma resultante, *estrela*, atuem outros processos fonológicos, por razões de espaço deter-nos-emos unicamente na epêntese vocálica.

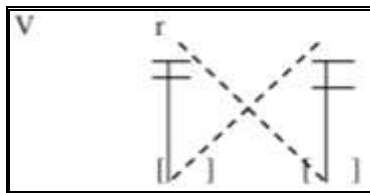
(12)



Conforme demonstrado no exemplo (12), a linha pontilhada representa a operação de espraçamento do traço [coronal] da consoante para a vogal, do que resultam estruturas ligadas, que compartilham uma mesma informação em termos de traços distintivos. A partir do compartilhamento de traços, é possível que o processo de epêntese aconteça. A vogal epentética é chamada, pois, para resolver casos que o padrão da língua rejeita, haja vista st, onset proibido no português, porém aceito no latim (cf. stella). Esse fato explica a necessidade do acréscimo da vogal para desfazer uma sequência inexistente na língua portuguesa.

No processo de metátese acontecem as duas operações postuladas pela teoria autosssegmental: o espraçamento e o desligamento de traços, em (13) representado.

(13)



(BUTSKHIKRIDZE & VAN DE WEIJER, 2003, p. 767)

Em (15) há uma representação das quatro operações necessárias a fim de que o processo de metátese se realize. As linhas pontilhadas re-

presentam a operação de espraçamento de traços, e as duas linhas que cortam as linhas de ‘V’ e ‘r’ representam a operação de desligamento.

Sendo os elementos que envolvem os processos de metátese tipicamente adjacentes, conforme postulam Butskhikridze e van de Weijer (*id.*, *ibid.*), essa ocorrência é mais bem explicada pela teoria Autossegmental, a qual, ainda que seja melhor que outras explicações sob modelos lineares, requer nada menos que quatro operações formais, duas de desligamento e duas de espraçamento, para que, só então, esse processo seja caracterizado. A mesma verificação feita pelos autores pode ser constatada em português em exemplos como *semper* → sempre, no qual ocorre a inversão da posição de *r*, isto é, inicialmente o elemento responsável pela metátese (a líquida não lateral *r*) ocupava a posição de coda final e passa a ocupar a segunda posição do ataque complexo seguida da vogal, *V*. Neste caso, consegue-se dar conta da metátese intrassilábica, nos dados da diacronia do português.

O uso dessa teoria para explicar a ocorrência desses fenômenos justifica-se pelo fato de expressar, com naturalidade, os processos fonológicos, entre eles a metátese e a epêntese, atendendo sempre ao princípio de que tem de demonstrar uma única operação seja de desligamento de uma associação de traços seja de espraçamento. Isso significa que essa estrutura encontra evidência no funcionamento da estrutura das línguas, ou seja, a existência de cada nó de classe e a subordinação de traços na estrutura não é aleatória. Em outras palavras, a explicação para a existência dos nós quando os traços estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas (MATZENAUER, 2005, p. 51).

5. Considerações finais

Nesse trabalho, objetivou-se mostrar uma análise dos processos de metátese e epêntese presentes em obras de diacronia do português brasileiro, com base na teoria autossegmental ou geometria de traços (CLEMENTS & HUME, 1995).

Além disso, intencionou-se apresentar exemplos de ambos os fenômenos em gramáticas históricas e, assim, mostrar a importância de tais obras para a descrição do português brasileiro e quão interessantes elas podem ser para pesquisas diacrônicas de quaisquer áreas da linguística.

Também é importante ressaltar que a teoria escolhida, teoria autossegmental, é capaz de explicar a ocorrência desses fenômenos a partir

da representação de geometria de traços, desenvolvida por Clements e Hume (1995), por se tratar de um modelo caracterizado por associação ou espraçamento de traços. Além disso, é um modelo que incorpora a noção de sílaba, o que contribuiu efetivamente para essa pesquisa, que trata de dois fenômenos de mudança silábica.

Por fim, é ainda importante lembrar que não se encontrou na literatura estudos mais aprofundados sobre os processos de metátese e de epêntese discutidos neste texto. Acredita-se assim que trabalhos como o que ora se apresenta podem servir de impulso para que novas pesquisas sobre o mesmo tema sejam desenvolvidas futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTSKHIKRIDZE, M.; WEIJER, V. On the formal description of metathesis: a case study of v-metathesis in Modern Georgian. *Lingua*, 113, 2003, p. 765-778. Disponível em:

<http://www.webklik.nl/user_files/2009_10/72522/Papers/Butskhikridze%20and%20van%20de%20Weijer,%20V%20Metathesis%20in%20Georgian.pdf>. Acesso em: 19-08-2013.

BISOL, L. *O ditongo da perspectiva da fonologia atual*. D.E.L.T.A. Vol. 5, nº 2, 1989.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*, v. 7. Campinas: UNICAMP, 1999.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESANCINI, C. *Fonologia e variação*. Recortes do português brasileiro. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 205-230.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. Acadêmica: Rio de Janeiro, 1958.

HORA, D. da; MONARETTO, V. N. O.; TELLES, S. Português brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, set.2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>>. Acesso em: 05-12-2012.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2005.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica do português*. São Paulo: Clássica, 1945.

REDMER, C. D. *Metátese e epêntese na aquisição do PB: uma análise via teoria da otimidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pelotas, 107 f. Pelotas: EDUCAT, 2007.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SÁ NOGUEIRA, R. de. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. 2. ed. Lisboa: Clássica, 1958.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1956.